

POSSIBILIDADE DE LIBERTAÇÃO A PARTIR DA CRÍTICA À BARBÁRIE MODERNA: EDUCAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E RADICALIZAÇÃO DO CONCEITO DE HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN E THEODOR ADORNO

Wanderson Barbosa dos Santos

RESUMO

Procura-se destacar aqui, a partir do diálogo entre os escritos de Walter Benjamin e Theodor Adorno o potencial emancipatório do conceito de História em sua mediação com a concepção de educação crítica. Pretende-se indicar como o diálogo entre os dois autores propicia uma formulação crítica à barbárie moderna.

Palavras-Chave: Educação. Emancipação. História.

POSSIBILITIES FOR LIBERTATION FROM CRITICISM OF MODERN BARBARISM: EDUCATION, EMANCIPATION AND RADICALIZATION OF THE CONCEPT OF HISTORY IN WALTER BENJAMIN AND THEODOR ADORNO

ABSTRACT

Here it is aimed to highlight, from the dialogue between the writings of Walter Benjamin and Theodor Adorno, the emancipatory potential of the concept of History in its mediation with the conception of critical education. It is intended to indicate how the dialogue between the two authors provides a critical formulation to modern barbarism.

Keywords: *Education. Emancipation. History.*

“Os trabalhos do Instituto de Pesquisa Social convergem numa crítica da consciência burguesa. A crítica não é feita a partir de fora, mas como autocrítica. Ela não fica presa à atualidade, mas se volta para a origem.”

Walter Benjamin, *Instituto Alemão de Livre Pesquisa*.

1 Contexto, emergência e crítica.

Busca-se discutir com base nas reflexões de Theodor Adorno e Walter Benjamin a concepção de barbárie na sociedade moderna, com suporte nos estudos sobre o tema da Educação em Adorno (2000) e por meio dos ensaios de Benjamin (2012), no qual se relacionam os temas: *educação, experiência e história*. Vale salientar os direcionamentos críticos expressos pelos dois autores para a confrontação da *barbárie* na modernidade. É de importância sublinhar o distanciamento temporal entre ambos, pois Benjamin escreve até o ano de 1940¹, não sendo possível analisar os desdobramentos catastróficos da Segunda Guerra Mundial. E Theodor Adorno, na condição de exilado nos Estados Unidos, pôde prolongar seus estudos fora do contexto alemão. A coletânea organizada com o título *Educação e Emancipação* (2000) reúne entrevistas, palestras e ensaios de Adorno no contexto do Pós-Segunda Guerra Mundial. No entanto, a correspondência nas interpretações do mundo moderno nos escritos dos dois autores é evidente, sobretudo, o destaque para a contradição entre *civilização e barbárie*.

O paralelismo, nas preocupações dos autores alemães na forma da abordagem do tema da modernidade em suas obras, as quais estão baseados na apropriação do método dialético, mostra, porém, diferenças no uso deste

¹ Conforme assinala Bernd Witte (2017) em sua biografia sobre Walter Benjamin, no ano de 1940, Benjamin volta a trabalhar em seus ensaios na França, porém, com várias dificuldades devido ao aumento das perseguições contra pensadores judeus neste país, sua fragilidade física e as dificuldades financeiras para manter seus estudos. Na tentativa de fuga para os Estados Unidos, onde já se encontravam os demais membros da Escola de Frankfurt, encontra-se retido pelos aliados do Regime Nacional Socialista Alemão na cidade fronteiriça de Portbou, na qual durante a noite de 27 de setembro suicida-se. Escritos importantes como a tese *Sobre o conceito da história* são deixados na Biblioteca de Paris sob a proteção de George Bataille.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.
Bolsista CNPQ. Brasileiro, residente em Brasília. E-mail: wanderson_santos@outlook.com

procedimento. O que se pretende salientar é o potencial complementar de alguns elementos contidos nas proposições dos dois autores. Nesse sentido, destacam-se a crítica à História, em Benjamin, e a emancipação por meio da Educação, em Adorno, contribuindo para a formulação de conteúdos críticos para a interpretação da sociedade moderna.

Observa-se, nesta relação o núcleo central do argumento: as preocupações direcionadas por Adorno rumo à educação crítica, reflexiva e anti-barbárie ganham mais contornos críticos e teóricos na medida em que são incorporadas as proposições benjaminianas acerca do conceito de história e a repercussão da luta contra o fascismo. Ou seja, parte do exercício assinalado pela ideia de desbarbarização social inicia-se a partir do questionamento do estatuto da história na formação social e os confrontos que surgem a começar deste fato na modernidade. Aqui, o palco são as consequências da modernidade na qual estão envolvidos fenômenos como reificação, culto à técnica, o decaimento da experiência e a barbárie como regra.

2 Aproximações e distanciamentos em relação ao conceito de barbárie em Benjamin e Adorno.

2.1 Concepção de Barbárie em Walter Benjamin

Sérgio Paulo Rouanet (1981), em *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*, aponta grande centralidade nas correspondências teóricas entre Adorno e Benjamin. Essa ligação temática pode ser vista nas observações sobre a concepção de barbárie. Rouanet as destaca como *duas faces da barbárie*, sendo que ambas estão marcadas pelo movimento de uma dialética para a compreensão da totalidade da sociedade. Observemos os pormenores do conceito de barbárie nos dois autores.

“Sabia-se também exatamente o que era experiência: ela sempre fora comunicada pelos mais velhos para os mais jovens.” (BENJAMIN, 2012, 123), Benjamin, em *Experiência e pobreza* descreve o processo de transição da sociedade rumo à modernidade no qual distingue a forma de transmissão das experiências que, até esse contexto, tinha uma dinâmica de propagação no contato frente-a-frente, isto é, a partir da transmissão oral. Um dos efeitos mais

marcantes desse processo de transição se dá em torno da transmissibilidade das experiências, ou melhor, as dificuldades de se transmitir as experiências. Se antes, no interior da comunidade, as experiências socialmente importantes eram repassadas por meio da oralidade dos mais antigos, através de parábolas, histórias e narrativas que faziam sentido dentro da constelação de valores em que se estava inserida aquela sociedade, porém, com a modernidade, o choque dessa transformação social desmantela a rede de conexões entre os indivíduos que agora se encontram incapazes de transmitir suas experiências.

Elemento que traz surpresa a Benjamin é que mesmo depois de passarem “uma das experiências mais terríveis da história.” (BENJAMIN, 2012, 123-124) – os soldados voltam da experiência da Primeira Grande Guerra com menos experiências a serem transmitidas. Nesse cenário de transição, o enfraquecimento da experiência mostra-se como um desdobramento do fenômeno da modernidade.

Assim, para Benjamin, a perda da experiência manifesta-se como uma das expressões da barbárie na medida em que: “Sim, confessemos: essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie.” (BENJAMIN, 2012, 124-125). Essa nova barbárie está presente, marcadamente, no contexto de transição rumo à modernidade, na qual as promessas de emancipação do indivíduo não se confirmam, sendo, nesse contexto, observável aos olhos do autor o universo de contradições da sociedade moderna. O procedimento dialético permite o exame das nuances em que surge a “nova barbárie”.

A denominada barbárie, se acompanharmos a reflexão de Rouanet (1981), desponta de modo ambíguo em Benjamin: “O fim da experiência pode ser o início de uma nova barbárie: mas a barbárie não é, para Benjamin, necessariamente negativa.” (ROUANET, 1981, 53). Essa reflexão inserida por Rouanet pode ser compreendida a partir do exame de dois ensaios de Benjamin: o já citado *Experiência e Pobreza*, onde o autor insere a ideia de barbárie positiva, e, o ensaio *Sobre o conceito de história*.

O conceito de barbárie positiva pode ser visto em *Experiência e pobreza* quando Benjamin diz:

Barbárie? Sim, de fato. Dizemo-lo para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram aqueles implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa. (BENJAMIN, 2012, 125)

Em outras palavras, na barbárie, no sentido positivo esboçado por Benjamin apontaria, como elemento qualitativo, somente a “possibilidade de começar do zero”, sendo que a partir daí o seu potencial político podendo ser ou não explorado. Por que essa dualidade? Nos escritos de Benjamin há elementos para apontarmos um dos perigos desse “começar do zero” na medida em que a barbárie pode – e foi – apropriada pelo fascismo. Esse ponto é passível de inúmeras apreciações, todavia, deixemos para mais adiante na comparação com as propostas de Theodor Adorno. A barbárie, em sua faceta positiva, esbarra na observação do nível de controle do “mundo administrado” do Estado, limitando, em grande medida, a capacidade de discordâncias dos sujeitos. Essa observação conflui com o exame da dualidade na reflexão acerca do conceito de barbárie em Walter Benjamin.

De outro lado, Rouanet (1981) destaca que o caráter duplo da barbárie é bem marcado pela relação: 1) potencial de criação do novo, ou seja, o que Benjamin diz com “Ela o impele a partir para frente”; 2) Liquidação da cultura, argumento que marcadamente surge nas teses *Sobre o conceito* de história como uma inclinação da tradição e da história face ao ponto de vista dos vencedores, sendo que nem o bem da cultura é isento da barbárie.

Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. Eles são chamados bens culturais. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante. Por isso, o materialista histórico se desvia desse processo, na medida do possível. Ele considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 2012, 244-245)

Segundo Benjamin, cabe ao materialista histórico a tarefa de “escovar a história a contrapelo” que deve ser entendida pelo resgate das reminiscências daqueles que foram subjugados em todo o processo histórico. O método, diz Benjamin, é o da *Empatia*, todavia, essa inclinação não pode ser confundida com a regra atual, pois, até agora, o historicista foi empático com os vencedores. Desdobramos deste argumento são destacados de forma mais detalhada adiante.

Portanto, coube a Benjamin formular o potencial crítico para a concepção da história. Segundo o autor, as rotineiras catástrofes que acontecem ao longo da história, e que causam espanto nos dias de hoje na medida em que são conhecidas, só reforçam que: “a concepção de história em que se origina é insustentável.” (BENJAMIN, 2012, 245). Como conceito insustentável, Benjamin indica quais seriam os condicionantes para a emergência de um novo conceito de história. Credita ao materialista histórico esta tarefa. A tarefa de “escovar a história a contrapelo” fratura o posicionamento empático do historiador com os que venceram no processo histórico. E com as correntes historicistas e evolucionistas que advogam por uma história linear, sem rupturas e sem contradições.

Dessa maneira, percebe-se que a barbárie presente na modernidade encontra expressões e desdobramentos em várias dinâmicas da sociedade. Ao afetar a transmissão da experiência vivida, implica o decaimento de experiências válidas; ao tracejar concepções de históricas empáticas aos dominadores, promove o *estado de exceção* como regra na medida em que silencia as vítimas do processo histórico. Isso é reforçado, ademais, pela constituição do conceito de barbárie expresso por Benjamin em seus ensaios no qual expõe as contradições da civilização.

Benjamin enfatiza que a história não caminha de acordo com uma linearidade, isto é, não se configura como um *continuum*. Aproximando-se do ponto de vista dialético, Benjamin realça as contradições no processo histórico sendo parte constitutiva de sua formatação a exclusão, o ocultamento, o encobrimento e a invisibilidade dos que foram vencidos. Observo, então, que, a barbárie que se mostra como constitutiva da modernidade na interpretação da

sociedade de Benjamin possui como característica essa dimensão oculta da experiência histórica dos vencidos da história. Assim, o par civilização e barbárie, através do procedimento dialético são integrados na leitura benjaminiana da modernidade.

Para retomar o tema do ensaio, destaquemos a concepção de barbárie a partir da proposta de Adorno. O tema da concepção de história em Benjamin será retomado ao fim do ensaio juntamente com a reflexão sobre a educação.

2.2 A concepção de Barbárie em Theodor Adorno

No livro *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer se propuseram a investigar, por meio do método dialético, a relação entre civilização e barbárie, ou seja, as contradições sociais existentes entre esses dois conceitos na modernidade. No cenário em que se verificam avanços no desenvolvimento técnico nunca antes imaginados na sociedade, mas onde também se observam formas de anulação do indivíduo em proporções sem precedentes e onde o aumento da produtividade econômica da sociedade, é traduzido em formas cada vez mais sofisticadas de controle da sociedade. Os autores marcaram essa preocupação no prefácio de 1947, quando dizem: “[...] em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, 11). Assim, a promessa de emancipação na modernidade não se concretizou, sendo esse cenário mais propício para novas dinâmicas de regressão e barbárie como as desveladas após o fim da Segunda Guerra mundial.

Em palestra proferida na rádio de Hessen, em 1965, intitulada *Educação após Auschwitz*, Adorno desenvolve uma reflexão sobre a barbárie na sociedade alemã e sobre o potencial que a educação tem para contrapor-se a esse problema. Para Adorno a educação precisa ter prioridade para que as catástrofes ocorridas ao longo da Segunda Guerra não voltem a ocorrer. Para evitar a catástrofe é preciso pensar no “[...] sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas.” (ADORNO, 2000, 117). As preocupações referentes à regressão na

atual sociedade não deveriam ter importância, pois Auschwitz já representa tal regressão, mas, como obstáculo apresenta grande persistência na humanidade. Devem-se buscar alternativas para o seu enfrentamento. O termo regressão serve, em grande medida, à especificação do que Adorno entende como barbárie. A barbárie relaciona-se com um grau de regressão do nível civilizacional atual.

Nestes termos, podemos entender uma primeira camada da concepção de barbárie em Adorno: ela surge ligada à noção de regressão civilizacional. Essa espécie de regressão da civilização pode ser entendida, também, com apoio na reflexão que Adorno esboça no que se refere à estrutura social alemã vinte e cinco anos após o Nacional Socialismo. Para Adorno, a estrutura básica da sociedade pouco mudou desde a última catástrofe, principalmente o ambiente social e psicológico propício para que as pessoas cometam tais atos:

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos [...] É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. (ADORNO, 2000, 120)

Como se indicou mais atrás, o ambiente social propício para as barbaridades ocorridas ao longo da Segunda Guerra Mundial não sofreu grandes alterações. O indivíduo “desprovido de consciência”, nesse cenário, teria mais disposições para a repetição de tais atos. Adorno confere, então, à educação, um poder reflexivo. O problema não é somente dos judeus na Alemanha, pois, na modernidade, qualquer minoria está suscetível de ser o próximo bode expiatório num ambiente onde reina a não reflexão. Os nacionalismos extremistas que por todo mundo eclodem atualmente são expressões bastante apropriadas para o problema aludido por Adorno na medida em que manifestam as tentativas de culpabilização, discriminação e estigma das minorias.

Em debate, novamente na Rádio Hessen, em 1968, intitulado *Educação contra a Barbárie*, Adorno registra alguns elementos contidos em sua concepção de barbárie:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 2000, 154)

O que significa, em outras palavras, que a urgência, salientada por Adorno como objetivo para a educação, seja a desbarbarização da sociedade. A constituição de mecanismos de reflexão, nos indivíduos, passa pela educação, mais especificamente, pela reprovação da violência, o desincentivo a atitudes de opressão, o combate às competições desmedidas que não levam a lugar algum, como diz Adorno: “Isto é, desacostumar as pessoas de se darem cotoveladas.”(ADORNO, 2000, 161).

Essas medidas na educação serão aprofundadas mais adiante. Contudo, a concepção de barbárie em Adorno tem alguns outros elementos ou, como chamamos antes, outras camadas que merecem ainda análise. Adorno coloca como problematização a relação do contexto moderno e a generalização da *personalidade autoritária*. Nesse sentido, a indicação de um tipo de personalidade, para o autor, depende desse ambiente favorável à barbárie, pois não se trata de um problema puramente psicológico dos indivíduos, mas uma expressão de um estado social. Para Adorno, essa inclinação autoritária é fruto de uma consciência coisificada, daqueles que veneram a técnica em si – independentemente dos seus usos sociais - e que são incapazes de amar pessoas. Se a capacidade de amar “de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-los aos meios”; todavia, a característica que mais os define é desconexão da consciência. (ADORNO, 2000, 131-132).

Note-se, então, que o âmago da acepção da barbárie contemporânea na leitura de Adorno conecta-se a uma configuração social que subsidia tipos de *personalidades autoritárias*, o culto à técnica e a carência da reflexão crítica. Dessa posição, provam como na relação contraditória entre civilização e barbárie encontra-se um estado social em que as fontes para a existência de movimentos

fascistas e autoritários estão presentes em formas acríicas de pensamento. De todo modo, sendo, evidente, a decadência civilizacional de encontro ao nível cultural, a chave interpretativa ganha contornos de regressão na medida em que a barbárie é a expressão da diluição da civilização. Contrabalançando essa perspectiva, Adorno opera dentro dos potenciais da educação como ferramenta para o esclarecimento da sociedade. Por essa via, a partir do fomento a reflexão crítica, por exemplo, à luz dos fatos históricos criticamente interpretados, poder-se-iam alcançar níveis de esclarecimento e reflexão crítica em direção à barbárie moderna.

3 A tarefa da desbarbarização por meio da Educação: crítica a partir do conteúdo Histórico.

3.1. Em casa de carrasco se deve lembrar a força para provocar uma auto-reflexão.

A frase instigante contida no subtítulo anterior é uma alusão ao texto de Adorno *O que significa elaborar o passado*. Ela contém reflexões sobre a maneira pela qual, o passado pode servir como um potencial crítico de esclarecimento para as gerações atuais. Adorno parte da constatação geral de que as gerações atuais na Alemanha (lembrando que o texto é de 1960) teriam pouca “consciência da continuidade histórica na Alemanha” (ADORNO, 2000, 32) Adorno² relembra que:

Certa feita, num debate científico, escrevi que em casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimento. Porém a tendência de relacionar a recusa da culpa, seja ela inconsciente ou nem tão inconsciente assim, de maneira tão absurda com a ideia de elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até em nomeá-lo. (ADORNO, 2000, 29)

A provocação colocada por Adorno com a anedota do carrasco, serve para exemplificar a atitude face às barbaridades ocorridas no contexto alemão após a derrota do regime nazista. O silêncio coletivo da sociedade, postura criticada por Adorno, contribui com os agressores e, conseqüentemente, lesiona ainda mais as vítimas, pois: “O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de

² Palestra proferida em 1959 no Conselho de Coordenação para a Colaboração Cristã-Judaica. Publicado no mesmo ano em forma de relato. Texto transmitido via rádio em 1960.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

Bolsista CNPQ. Brasileiro, residente em Brasília. E-mail: wanderson_santos@outlook.com

quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça.” (ADORNO, 2000, 29).

O gesto descrito por Adorno de esquecer o passado a qualquer custo e de não se falar mais sobre o que ocorreu, do perdão sem reflexão, aproxima-se da ideia benjaminiana da postura dos historiadores – marcadamente das correntes positivistas, historicistas e evolucionistas – de empatia com os vencedores que, a partir de uma concepção progressista da história, mantém sua cumplicidade com os dominadores. Parte daí sua ideia de radicalização da concepção de história, pois, segundo o autor, a mesma já não é suficiente.³

Pode-se dizer que a preocupação de Benjamin com a transmissão da história, ou melhor, sua incapacidade de transmissão nos termos da História atual, é incorporada às análises de Adorno. Ao olhar para as gerações de sua época (por volta da década de 1960) Adorno comenta sobre a necessidade de recuperar o “passado ainda vivo” (ADORNO, 2000, 29), ou seja, em uma reflexão crítica a partir das experiências do passado. A constatação é que a História se mostra em conteúdos fragmentados, rompidos e, muitas vezes, de um esquecimento coletivo. O passado é visto em fuga, sempre intempestivo, na medida em que se procura esquecê-lo. Adorno descreve esse cenário da seguinte maneira: “Constatações empíricas, como, por exemplo, a de que a geração jovem muitas vezes desconhece quem foram Bismarck ou o imperador Guilherme I, da Alemanha, confirmam essa perda da história.” (ADORNO, 2000, 32).⁴

Longe de expressar um exame detido no contexto da Alemanha e em seus desdobramentos pós-regime nacional socialista, esta análise de Adorno mostra-se, em larga medida, com bastante generalidade, nas sociedades que passaram

³ Em *Sobre o Conceito de História*, mais especificamente na tese número VII, Benjamin salienta: “Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com os vencidos beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso já diz o suficiente para o materialismo histórico.” (BENJAMIN, 2012, 244).

⁴ Os exemplos aludidos por Theodor Adorno fazem parte da realidade histórico e cultural da Alemanha. Todavia, os processos descritos de esquecimento coletivo demonstram certa generalidade em uma diversidade enorme de contextos sociais. Por exemplo, vários trabalhos abordam os processos de esquecimento coletivo em países que sofreram regimes ditatoriais, como é o caso do Brasil, e as memórias desses períodos parecem invisíveis nos contextos atuais, sendo a partir de muitos esforços recuperadas por meio da luta pelo reconhecimento dessas memórias.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.
Bolsista CNPQ. Brasileiro, residente em Brasília. E-mail: wanderson_santos@outlook.com

por alguma espécie de acontecimentos traumáticos. Podem-se vislumbrar, a partir dos mais variados exemplos, dinâmicas semelhantes de encobrimentos e esquecimentos coletivos, sendo, uma expressão contra este movimento a luta política para a memória das vítimas da história.

Este diagnóstico, juntamente com outros já apresentados antes, como a paixão pela técnica, a generalização da “personalidade autoritária” podem desdobrar-se para o surgimento de outros movimentos autoritários e fascistas, ao exemplo dos nacionalismos autoritários que emergem nos ambientes em que se verifica ausência de uma atitude reflexiva do sujeito. O clima favorável à barbárie, nesse sentido, não está reservado ao passado longínquo. Adorno e Benjamin apontam que o surgimento e os constantes ressurgimentos estão, essencialmente, vinculados aos problemas de transmissibilidade de experiências vividas.

Além disso seria necessário quanto à possibilidade de haver um outro direcionamento para a fúria ocorrida em Auschwitz. Amanhã pode ser a vez de outro grupo que não os judeus, por exemplo, os idosos, que escaparam por pouco do Terceiro Reich, ou os intelectuais, ou simplesmente alguns grupos divergentes. (ADORNO, 2000, 136)⁵

É, portanto, nesse contexto que se deve situar as reflexões dos autores, sendo a partir daí que se buscam alternativas de contraponto a essa situação social. Elas convergem no elemento da insuficiência do conceito de História que privilegia a narrativa sem atritos e concede ao sujeito uma leitura sem reflexão. De um lado, a impotência da concepção de história vigente deriva da tentativa de apaziguar e encobrir a história dos que foram subjugados no passado; aliado a esse fato, no entanto, temos a condição moderna do atrofiamento da transmissão das experiências vividas.

Com efeito, a aproximação a partir da história teoricamente orientada para iluminar as experiências silenciadas, em companhia com a concepção crítica de educação pretende oferecer, como resultado, a formação do sujeito crítico. Note-se que o ponto de chegada é o indicado ao início, a saber: a possibilidade de

⁵No texto posteriormente incluído na *Dialética do Esclarecimento* intitulado *Elementos do Anti-Semitismo: limites do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer expõem melhor este argumento e expandem a ideia de que, o que houve na Alemanha com os judeus, pode vir a ocorrer novamente com qualquer outra minoria, pois a barbárie não depende da singularidade do caso alemão, mas conforma-se como uma possibilidade presente no mundo moderno capitalista.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.
Bolsista CNPQ. Brasileiro, residente em Brasília. E-mail: wanderson_santos@outlook.com

emancipação do sujeito a partir da história e da educação. O andamento do ensaio sugere em que medida a concepção de Adorno e Benjamin traduzem um conceito crítico de história e educação benfazejo para o posicionamento contrário à barbárie moderna.

3.2 Adorno e Benjamin: a emancipação por meio da História

No artigo *A perda da experiência da formação na Universidade contemporânea*, Franklin Leopoldo e Silva (2001) alicerça-se nas reflexões de Adorno sobre o tema da educação e discorre sobre as condições atuais para a reflexão, sobretudo, com ênfase na ideia de *formação*, em sua acepção mais ampla. No cenário atual, as promessas da modernidade já se mostram malsucedidas; a ideia de razão como elemento emancipador da humanidade já parece distante, no momento em que o moderno se confunde em suas contradições. Para o autor, a maior marca dessa “traição” da modernidade pode ser vista na dissolução da consciência e da verdade.

A liquidação da consciência é mais uma das manifestações dessas contradições, melhor dizendo, mais uma consequência da forma com que a modernidade se configurou. O equilíbrio, pautado no uso da razão, prometido em seus primórdios, não se concretizou. Ocorreu um fenômeno próximo do seu contrário. O *mundo administrado* anulou a subjetividade e, com isso, a possibilidade de formação do sujeito.

[...] um mundo organizado ideologicamente, no qual se perdeu a possibilidade de visão de mundo no sentido teórico, em que a ideologia exerce uma pressão que parece não deixar qualquer interstício para uma conduta emancipada da consciência. (LEOPOLDO, 2001, 30)

A articulação entre subjetividade, experiência e formação deve ser entendida como intrinsecamente relacionados rumo a uma condição de “consciência emancipada”. Entretanto, o diagnóstico aponta na direção contrária para essa formação. O decaimento da experiência, salientado por Benjamin na transição para a sociedade moderna parece ter se intensificado cada vez mais, influenciando na constituição do indivíduo, pois, conforme Franklin Leopoldo argumenta, o conceito de formação depende da “subjetividade plenamente constituída na experiência.” (LEOPOLDO, 2001, 31).

Note-se, então, que o problema perpassa a temática da modernidade, sendo necessária uma crítica às consequências desse fenômeno em suas configurações atuais; todavia, apontemos as possibilidades de enfrentamento: a reflexão sobre história e a educação.

Para Adorno, parte da solução passa pelos processos educativos críticos, principalmente aqueles vinculados à educação política. Nessa proposição, a educação tem o objetivo de incitar à reflexão e, por meio deste movimento crítico, alcançar alguma medida de esclarecimento. Esse movimento pode ser entendido como o de uma formação do sujeito que se apropria da realidade histórica, ou seja, alimenta-se do passado para uma incorporação de experiências no presente. Assim, na proposição de Adorno busca-se a constituição de indivíduos “inconformados” com a realidade social, porém, isso não quer dizer indivíduos que negam tudo (retira-se assim o caráter muito problemático desta proposição). Conforme expõe Franklin Leopoldo: “Negar não é suprimir pura e simplesmente; é pensar que sempre é possível uma outra posição.” (LEOPOLDO, 2001, 32).

O movimento crítico de esclarecimento em Adorno e em seus intérpretes é influenciado pela filosofia kantiana para a qual o esclarecimento diz respeito à “libertação” e à capacidade de reflexão não dependente. Diz o filósofo: “O esclarecimento é a libertação do homem de sua imaturidade auto-imposta. Imaturidade é a incapacidade de empregar seu próprio entendimento sem orientação de outro.” (PUGLIESI, 2012, 145).⁶

A partir desta elucidação, a concepção crítica da educação em Adorno ganha nova forma, a saber: a busca pelo auto-desenvolvimento crítico. Essa constituição educacional visa, sobretudo, desbarbarizar a sociedade dentro de formas auto-reflexivas de ação. Em casos de violência, o sujeito precisa sentir-

⁶ Pugliesi, Márcio. “Resposta à questão: O que é esclarecimento?.” Tradução do texto “Beantwortung der Frage: Was ist aufklärung?” de Immanuel Kant. *Cognitio: Revista de Filosofia*. 2012. 145-154. 145. Em seu texto, Kant coloca a concepção de esclarecimento ligada a uma potencialidade, mas também como um direito da humanidade. Os entraves e dificuldade para o seu alcance colocam-se como um embaraço posto pela não-reflexão entretanto, o esclarecimento é visto como um processo. O processo de esclarecimento depende, essencialmente, da liberdade e seu uso público: “Para este esclarecimento porém nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar de liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões.” 146.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

Bolsista CNPQ. Brasileiro, residente em Brasília. E-mail: wanderson_santos@outlook.com

se envergonhado de suas ações, lembremo-nos da anedota do carrasco disposta anteriormente. O carrasco é a sociedade sem consciência que, na modernidade, precisa ser lembrado das suas ações, sejam elas diretas – como dos alemães que colaboraram com o nazismo -; sejam elas indiretas, pois a indiferença também é uma causa e expressão da barbárie moderna.

Em *Sobre o conceito de história*, Benjamin também demonstra que a concepção de história precisa ser sacudida e reinventada a partir da disposição crítica do historiador por meio da empatia (LÖWY, 2005, 71)⁷. Benjamin coloca como tarefa do materialista histórico a incorporação da empatia como método das suas reflexões. Essa empatia não deve se dar com os herdeiros dos bens culturais, mas, sim, com aqueles que ficaram ao longo do processo. Esquecidos, silenciados e, novamente, subjugados na medida em que não possuem direito à memória.

Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso já é suficiente para o materialismo histórico. (BENJAMIN, 2012, 244).

Como sugeri, esse destaque de Benjamin se entrelaça com a proposta de Adorno. Para ambos: “tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente” (ADORNO, 2000, 46), ou seja, a tarefa da educação crítica que busca promover alguma medida de auto-reflexão e esclarecimento, no sentido estrito explicitado até aqui, depende da recuperação do passado em seu potencial crítico.

Com tudo isso em mente, observa-se que o objeto mais específico dessa proposta de educação ganha sua expressão mais acabada numa espécie de luta contra a barbárie moderna e, além disso, contra a apatia consequente da modernidade. Os modelos críticos dos dois autores deságuam em formas de desbarbarização do social colocadas como alternativas ao *status quo*. A crítica aos contornos que a educação ganha e ao seu fracasso em não gerar um indivíduo esclarecido no qual o fascismo – mente não esclarecida, oficina da

⁷ Em *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses ‘sobre o conceito de história’*, Michael Löwy argumenta que Benjamin aponta para a crítica dos historiadores positivistas e propõe uma empatia aos “vencidos” por meio do conceito *Einfühlung* que pode ser traduzido como empatia, mas também como “identificação afetiva”.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.
Bolsista CNPQ. Brasileiro, residente em Brasília. E-mail: wanderson_santos@outlook.com

barbárie – encontra terreno fértil. Tem seu potencial crítico expandido em conjunto com o questionamento do conceito de história. À luz de uma oposição à forma com que os conteúdos históricos se orientam, ao fim e ao cabo, o educador poderá, por meio do exercício da educação, desencadear um processo de esclarecimento.

Assim, a emancipação do sujeito perpassa o processo de esclarecimento que, ao se orientar por um conteúdo da história empático aos vencidos, fatura com contornos críticos e auto-reflexivos. O objetivo: a desbarbarização pautada na radicalização da própria concepção de história hegemônica na medida em que incluem conteúdos, narrativas, proposições críticas ao que está estabelecido e, especialmente, oferecendo alternativas críticas ao indivíduo.

De todo modo, esse processo de esclarecimento por meio da educação, como bem sabemos, encontra inúmeras limitações, pois depende de um clima social e político favorável à sua aplicação. Indício desse fato é, primeiramente, a atualidade que os textos de Adorno possuem nos dias atuais, pois, sendo seus escritos de meados da década de 1960, é de assombro que muitas das críticas e problemas verificados na constituição de um tipo de educação parecem ainda não terem sido resolvidos. Realça esta observação o ressurgimento de nacionalismos extremistas que se alicerçam em elementos xenófobos, racistas e contra todo tipo de minoria, principalmente, nos momentos de crise. As perseguições parecem se repetir, a história também. A culpa para as crises recai, de modo recorrente, nesses grupos mais vulneráveis, a exemplo dos imigrantes na Europa.

De outro lado, o tipo de esclarecimento expresso pelos autores necessita, antes de tudo, de um contexto em que essa nova forma de educação (e história) seja colocada em disputa na arena pública. Os desdobramentos dos acontecimentos catastróficos mostram que há uma dinâmica de maior conservadorismo da sociedade do que uma dinâmica de enfrentamento dos problemas.

Essas reflexões, baseadas nos trabalhos de Adorno e Benjamin, almejam o entrelaçamento das proposições dos dois autores sobre o tema da

educação, experiência e história. Há uma atualidade no que fora descrito pelos autores em meados do século passado. Seria até mesmo possível indicar, mais especificamente, conteúdos da história, formas com que a educação não se confronta com problemas relacionados à desbarbarização da sociedade. *Grosso modo*, são exemplos dos problemas analisados por Adorno e Benjamin a maneira, com que a educação, nos períodos de exceção, é transmitida, em forma de conteúdo para a educação e o descaso com uma política educacional voltada para a formação em Direitos Humanos. Ambos se mostram como exemplos de alternativas para um estado social de barbárie, porém, entre a observação da solução e sua aplicação, há um abismo no qual se disputam essas expressões, que são de manutenção de um estado bárbaro e de posições de enfrentamento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. “Educação após Auschwitz” in:___ **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra. 2000.

_____. “Educação contra a barbárie” in:___ **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra. 2000.

_____. “O que significa elaborar o passado” in:___ **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra. 2000.

ADORNO, T, HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos / Max Horkheimer e Theodor Adorno; tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BENJAMIN, Walter. 1892, 1940.” Experiência e Pobreza” in:___ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura / Walter Benjamin**; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8º edição revista – São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras escolhidas v.1).

_____. 1892, 1940. “Sobre o conceito da história” in:___ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura / Walter Benjamin**; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8º edição revista – São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras escolhidas v.1).

LEOPOLDO, Franklin. **A perda da experiência da formação na universidade contemporânea**. Tempo Social. 2001.

LÖWY, Michael. 1938-. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”** / Michael Löwy ; tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller; - São Paulo : Boitempo, 2005.

PUGLIESI, Márcio. **“Resposta à questão: O que é esclarecimento?.”**
Tradução do texto “Beantwortung der Frage: Was ist aufklärung?” de Immanuel Kant. *Cognitio: Revista de Filosofia*. 2012.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin: uma biografia**, tradução de Romero Freitas.
– Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.